



SINTAXE

TESSALONICENSES

Introdução Geral

Volume 1

Jean Carlos da Silva Alcantara
Th.B - Th.M - Th.D

Παῦλος καὶ Σιλουανὸς καὶ Τιμόθεος τῇ ἐκκλησίᾳ Θεσσαλονικέων ἐν θεῷ πατρὶ
καὶ κυρίῳ Ἰησοῦ Χριστῷ, χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη.

Paulus et Silvanus et Timotheus ecclesiae Thessalonicensium in Deo Patre et
Domino Iesu Christo gratia vobis et pax

פּוֹלוֹס וְסִלוּוָנוֹס וְטִימוֹתֵיּוֹס אֶל־קְהֵלֶת הַתְּסָלוֹנִיקָיִים בְּאֱלֹהִים
הָאֵב וּבְאֲדֹן יֵשׁוּעַ הַמָּשִׁיחַ חֶסֶד לְכֶם וְשָׁלוֹם מֵאֵת אֱלֹהִים אָבִינוּ
וְאֲדֹנָינוּ יֵשׁוּעַ הַמָּשִׁיחַ:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A347a

Alcantara, Jean Carlos da Silva.

Sintaxe de Tessalonicenses: introdução Geral / Jean Carlos da Silva

Alcantara. – Itaquaquecetuba (SP): JCS Publicações, 2017. (Coleção
Teológica)

100 p. : 14 x 21 cm

Obra em 3 v.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-68485-01-9

1. Bíblia. N. T. Tessalonicenses - Comentários. I. Título.

CDD-227.106

SINTAXE
TESSALONICENSES
Introdução Geral

Volume 1



JCS Publicações

JEAN CARLOS DA SILVA

Sintaxe de Tessalonicenses
Volume 1

PRIMEIRA EDIÇÃO

Itaquaquecetuba / SP
JCS Publicações
2017

Todos os direitos reservados ao autor
Copyright by **Professor Jean Carlos**

É proibida a reprodução, total ou parcial deste livro

Coordenação Editorial

Professor Jean Carlos Th.D

Digitação do Português

Viviane Araújo e Professor Jean Carlos

Digitação do hebraico e grego

Professor Jean Carlos Th.D

Revisão

Gerlane Amaral

Projeto gráfico e capa

Tiago Papadoskoulos

Editoração

Professor Jean Carlos Th.D

As citações bíblicas foram extraídas da versão traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. Texto grego utilizado: ALLAND, Kurt. The Greek New Testament (Sociedades Bíblicas unidas).

Contatos e convites

11 98296 5144 (ZAP) - professorjeancarlos@bol.com.br

SUMÁRIO - VOLUME 1

I – QUESTÕES INICIAIS

Agradecimentos	11
Apresentação da obra.....	15
Abreviaturas.....	17
Versões utilizadas no quadro comparado.....	19

II – QUESTÕES TÉCNICAS

Informações gramaticais do Português.....	22
Informações gramaticais do Grego.....	28
Definição do termo exegese.....	44
Definição do termo epístola.....	48
Informações dos manuscritos gregos das cartas de Paulo aos Tessalonicenses.....	56

III – QUESTÕES HISTÓRICAS

Resumo biográfico da vida de Paulo.....	70
História da primeira carta.....	81
Pontos importantes da primeira carta.....	84
A cidade de Tessaônica.....	86
Esboço de 1 Tessalonicenses.....	88
Contexto histórico de 2 Tessalonicenses.....	90
Esboço geral de 2 Tessalonicenses.....	91
.	
Bibliografia	94

VOLUME 1

I – QUESTÕES

INICIAIS

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Com muita alegria apresento ao público leitor, nosso irmão Professor Jean Carlos da Silva Alcântara, obreiro valoroso que há dois anos coopera conosco no setor de Suzano SP, ministério do Belém.

Tendo este valoroso servo de Deus, se mostrado fiel, obediente e de conduta irretocável e caráter íntegro, comprometido com o estudo e ensino da Palavra do Senhor Jesus Cristo; seja como Professor da Escola Bíblica Dominical, em uma de nossas congregações (Marengo Alto), ou participando a oração permanente em nossa sede do setor diariamente as 08h00.

Aqueles que tiverem o privilégio de ler seus escritos, verá seus conhecimentos Bíblico, e tendo a oportunidade de aprender mais, sendo dessa forma edificado no Senhor nosso Deus, prosseguindo numa marcha gloriosa aos Céus.

Pr Paulo Silva

Setorial de Suzano

Secretário de missões Min do Belém

Sinto-me jubiloso e enobrecido, isto em poder apresentar aos amantes de boa leitura, o ilustre amigo Professor Jean Carlos da Silva Alcantara, Th.D homem de cultura ímpar e sapiência, além de obreiro dedicado a obra de Deus, não medindo esforço em reciclar sempre seus conhecimentos, abençoando aqueles que leem seus escritos pois, seu trabalho literário é totalmente escriturístico.

Seu caráter ilibado e postura integra, dignifica o soberano Nome de Deus e enobrece aqueles que têm o privilégio do relacionamento com este valoroso escritor, tradutor, diagramador, editor e é claro mestre.

Admiro seu empenho em trabalhar para o crescimento do Reino de Deus.

Tendo já uma gama de livros teológicos, (16 obras literárias), contribui para agrandar conhecimentos e crescimento espiritual, para Glória de Deus.

Ministrando em Institutos Teológicos, ou na EBD, sem descuidar da oração, onde pauta sua vida e ministério.

“Quando todos pensam igual, ninguém está pensando” (Walter Lippman)

Não obstante sua erudição e preparo teológico, um pensador e formador de opiniões, jamais deixa de ser humilde e respeitoso, provando ser um servo temente à Deus.

Pr José Fernandes Filho
Diretor de Relações Públicas CGADB
Conselheiro Vitalício CONFRADESP
Escritor, conferencista e Psicanalista

PREFÁCIO DA OBRA

Com Analisei com esmero e apreço o presente comentário exegético de Tessalonicenses do ilustre professor Dr. Jean Carlos, e pude recordar de tempos não tão distantes, quando era raro um comentário exegético deste nível de livros da Bíblia. Refiro-me ao tempo que estudei teologia. Nessa ocasião tínhamos de recorrer a textos em inglês ou em espanhol, a fim de irmos adiante com nossos estudos, bem como saciar nossa sede pelos originais. Ainda bem que tínhamos excelentes professores, e como louvo a Deus pela existência deles! Todavia, hoje podemos adquirir e folhear como facilidade um comentário como esse, o qual corrobora com a interpretação séria da inerrante Palavra de Deus.

O Professor Jean Carlos destaca-se como denodado servo de Deus, além de sua experiência acadêmica, tem vida marcada pela oração e consagração e com este comentário exegético vem suprimindo a necessidade de todos aqueles que querem ir mais adiante ao entendimento

das Sagradas Escrituras. Expõe com muita galhardia o texto de Tessalonicenses que sempre gerou um grande interesse a todos aqueles que almejam seriedade doutrinária, principalmente concernente a Segunda Vinda de Cristo.

Todo o pastor ou estudante da Bíblia almeja ter em mãos um comentário que elucida na originalidade do texto as palavras-chave, bem como notas históricas daquilo que o autor está expressando no texto. Particularmente, sempre sou cobrado por alunos e pastores que produzam textos com essa equivalência; pois é necessário que se compreenda que numa tradução não se pode tecer todos os comentários em torno de uma palavra, apesar de grande esforço e fidelidade dos tradutores da Bíblia Sagrada, que merecem nossa admiração e reconhecimento.

Entrementes, em obras como essa, a carência e especificidade hermenêutica e exegética são supridas, pois o autor expõe esse suprimento que enriquece a pesquisa textual.

Este texto trará muita revelação ao coração do leitor e estudante das Sagradas escrituras. Confesso que amei desde as primeiras palavras e também porque sua linguagem destina-se a todos. Acredito que esta obra te deixará mais sedento pelas Verdades Eternas e isso produzirá frutos imensuráveis à obra de Deus, aqui na terra.

O interessa por livros com essa temática revela o crescimento e a sustentabilidade na edificação da igreja como um todo e se constitui numa excelente aquisição. Parabéns!

Shalom...

Pr. Prof. Dr. José Elias Croce

AGRADECIMENTOS

Ao grande e Eterno Deus, por ter-me agraciado com esse tão maravilhoso dom da escrita, principalmente nesta área, exegética.

À minha querida esposa, Joseane Lima, que tem compreendido integralmente o meu ministério: ensinar por meio da escrita. Sempre comigo nos momentos de mais turbulências e tribulações. As vezes se faz necessário de privar para poder se concentrar em textos gregos, hebraicos e latinos.

Ao meu cunhado Joel Lima, bênção em minha família.

Ao Pastor Presidente da CGADB, CONFRADESP e Ministério do Belém, José Wellington Bezerra da Costa pelos ensinamentos que nos transfere nas reuniões em nossa sede.

Ao nosso pastor Setorial da Assembleia de Deus Ministério do Belém em Suzano Paulo Silva. Homem integro, humilde, experiente, amoroso e espiritual.

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

Ao preclaro pastor José Fernandes Filho, que de forma tão singela, honrosa e contudente fez menção aos meus modestos livros nas redes sociais. Este pastor, mesmo estando muito acima de nós, de forma humilde, apresentou um 'desconhecido' aos pastores presidentes de mais varidas convenções ligadas à CGADB.

A todos dirigentes de congregação em nosso setor 13 - Suzano - SP que de forma honrada e singela me reconhecem como homem de Deus.

Ao meu pastor e amigo Reginaldo de Jesus da congregação do Pq. Marengo em Itaquaquecetuba, no qual me receberam de braços abertos. A todos os irmãos em nossa congregação do Pq Marengo.

Ao meu amigo, patrão e conselheiro Pastor Vicente Paula Leite, desse me recuso a dizer qualquer palavra. Pastor acima da média.

Aos meus chefes e amigos da Faculdade Teológica Ibetel: Queila (a fora de série), Claudio, Betinha e Junior. Também, todos os funcionários e amigos.

Ao presidente da AD ministério do Ipiranga, Pr. Alcides Fávoro e toda a presidência, e em especial ao nobre pastor setorial de Carapicuíba (que consagrou-me ao presbitério), José Leanti Pinto, pra esse eu 'tiro o chapéu'.

Também agradeço a todos os pastores de regionais, setores do Ministério de Perus onde destaco alguns: Daniel (Mairiporã), Davi Bispo (Remédios), Antonio Lopes (Região de Taipas), aos pastores Sudeli, Paulo, Josias, Ari no setor de vila perus, Nerival Accioly (Mauá), Mailtom Santos (presidente da regional em Vila Remédios), Custódio Valério, Antonio Baleeiro, Davi Gregório, Jucelino Macedo, Valter Oliveira, Jesiel Pontes, Edney Gonsalves (Francisco Morato) e congregações que apoiam e nos convidam para aulas, pregações e palestras.

Aos doutores em Bíblia e exegese pastores José Elias Croce e Adayltom de Almeida. Reconheço, vocês estão na minha frente, obrigado pelos conselhos.

Ao mestre em Hermenêutica Sagrada Pastor Roberto Carlos Cruvinel, que a quase 8 anos atrás, com suas críticas, conselhos e sugestões fizeram-me crescer e chegar ao patamar que estou hoje. O pastor citado aqui tem exemplo de vida cristã e acadêmica.

Aos pastores do Ministério de Madureira em São Paulo e no Brasil que apoiam e nos convidam para aulas, pregações e palestras, são eles: Jasom Secundo, presidente em Carapicuíba, o seu primo, Davi Secundo presidente da AD em Curitiba – PR.

Aos pastores da AD no Rio Grande Do Norte, minha igreja, Martins Alves, presidente desta igreja. Destaco os pastores: Francisco Oliveira que pastoreia a cidade de Macau – RN, ao Patriarca Cícero, na

cidade Baraúnas - RN (local onde ouvi a primeira promessa de meu ministério do ensino) onde me receberam carinhosamente, também aos pastores de Mossoró.

Aos pastores da AD em Fortaleza em especial pastor Paulo Pinho, aos pastores do Piauí e Maranhão em especial o pastor João Batista.

Aos pastores da AD ministério Paulistano em especial ao Dr. Eliel e pastor Eli, entre outros obreiros deste abençoado ministério. Aos pastores de várias igrejas, comunidades em São Paulo e no Brasil que apóiam e nos convidam para aulas, pregações e palestras, se fosse citá-los precisaria um livro somente para isto.

Aos meus alunos, em todos os pontos, seminários e faculdades de São Paulo, que têm aprendido com as minhas simples interpretações e exegeses das Escrituras!

Aos companheiros da santa vocação na oração permanente de todas as manhãs. Ao meu amigo Pr. Antonio (conhecido como Toninho), às irmãs, com muito esforço, vem buscar a presença do Deus Vivo.

Professor Jean Carlos
Itaquaquetuba, SP, 28 de Fevereiro 2017

Apresentação da obra

A fim de um melhor aproveitamento desta obra, colocarei abaixo tudo que o (os) leitores (as) encontraráá (ão) ao longo de toda obra.

- a) Procuero desvendar algumas dificuldades tradultológicas apresentadas nas versões encontradas ao longo das epístolas do apóstolo Paulo;
- b) Todos os versículo conterà discussões gramaticais, análise sintática e comentários etimológicos dos respectivos termos em foco;
- c) Ao longo da Obra o leitor poderá encontrar algum gráfico representativo, sei que não é usual, mais será necessária para ajuda visual do conteúdo exegético da obra;
- d) Absolutamente todos os versículos serão acentuados, escritos e comentados as principais palavras do mesmo;

e) A obra contará com uma ampla lista de abreviaturas que se espalharão ao longo da texto, que o leitor deverá consultar para eventuais esclarecimentos;

f) Absolutamente todos os versículos terão o seguinte padrão didático e metodológico, conforme a descrição abaixo:

- O respectivo versículo em Português, no caso, Almeida Revista Corrigida;
- Uma tradução exegética opcional o comparativa para que com isso o leitor faça suas comparações (esta tradução exegética não será tida como definitiva, mais apenas comparativa);
- Todos os versículos em grego utilizados serão de ALLAND, kurt. The Greek New Testament. United Bible, 1984;
- Todos os versículos contendo uma tradução ao pé da letra, conhecida como tradução literal;
- Todos os versículos contendo os versículo transliterados do texto grego (texto transliterado é aquele que mostra a forma de leitora de outro idioma).

ABREVIATURAS

a.C. – Antes de Cristo

d. C. – Depois de Cristo

Abl – Ablativo

Ac – Acusativo

Adj. – adjetivo

Aor – Aoristo

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

Alfalit – Versão Alfalit da Bíblia em Português

AT – Antigo Testamento

ECA – Edição Contemporânea de Almeida

At. – ativo

Gr. – Grego

S. – Versículos seguintes

Impf. – imperfeito

Part. – participípio

Pass. - passivo

Impr. – imperativo

Ind. – indicativo

KJA. - King James Atualizada

Méd. – médio

NVI – Nova Versão Internacional

NTLH. - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

NT – Novo Testamento

Pass. – passivo

Subst. – substantivo

Pron. – pronome

VERSÕES USADAS NO QUADRO COMPARATIVO NESTA OBRA

Ao longo da obra o leitor encontrará vários quadros comparativos de algumas traduções em Português nas quais descrevo abaixo:

ARC - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ARA - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ECA - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1998

NVI - A BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora vida Nova, 2000.

KJA - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida pelo Comitê Internacional e Permanente de Tradução da Bíblia King James. São Paulo: Abba Press, 2007.

II – QUESTÕES TÉCNICAS

INFORMAÇÕES GRAMATICAIS UTILIZADAS AO LONGO DA OBRA SÍNTESE DO PORTUGUÊS

Os diversos assuntos abordados pela Gramática pertencem a divisões específicas desta área de estudo. Para uma melhor compreensão dos termos utilizados ao longo dos volumes utilizaremos a divisão básica da gramática.

FONOLOGIA

Em nosso caso, o leitor não deverá preocupar-se, pois, o grego antigo não temos uma padronização em sua sonorização e, além disso, este não é um manual de língua grega. O termo em foco é proveniente do grego *phonos* = voz/som; *logos* = palavra/estudo, a fonologia é a parte que estuda o sistema sonoro de um idioma.

MORFOLOGIA

Esta é parte da gramática que trata do estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras através de elementos morfológicos (ou mórficos), que são as unidades que formam uma palavra. Os elementos morfológicos compreendem o radical, o tema, a vogal temática,

a vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência nominal ou verbal. A morfologia estuda as palavras isoladamente e não dentro de uma frase ou período e está agrupada em dez classes de palavras (ou “classes gramaticais”), a saber em resumo algumas:

Substantivo: Palavra flexiva com que se nomeiam os seres, animados ou inanimados, concretos ou abstratos, as coisas ou partes delas, os estados, as qualidades, as ações, objetos, porções, sentimentos, sensações, fenômenos etc. Na língua grega, os substantivos são flexionados em caso, gênero e número. Em português, são caracterizadas por um gênero (masculino ou feminino) e um número (singular ou plural).

Verbo: Palavra variável que expressa, do ponto de vista semântico, as noções de ação, processo ou estado, e, do ponto de vista sintático, exercem a função de núcleo do predicado das orações. Na língua grega, os verbos possuem tempo, modo, voz, número e pessoa.

Adjetivo: Palavra de natureza nominal que se junta ao substantivo para modificar o seu significado, acrescentando-lhe uma característica. Na língua grega, os adjetivos são flexionados em caso, gênero e número.

Pronome: Palavra que se emprega ao invés de um nome, exercendo a função de nome, adjetivo ou de uma oração que a segue ou antecede. Na língua grega, são flexionados em caso, gênero e número.

O pronome é uma palavra que substitui o substantivo ou o que o acompanha, isto serve para evitar as repetições desnecessárias. Este nome que o pronome substitui, é chamado de antecedente, quando o nome é substituído pelo pronome, este concorda em; a) Gênero - Existem no grego três, masculino, feminino e neutro. b) Número - Singular e plural.

Conjunções são palavras indeclináveis que ligam palavras ou orações. Às vezes se confundem com as preposições, mas enquanto as preposições ligam dois vocábulos quaisquer, as conjunções, ao ligarem orações, ligam verbos. Tanto as conjunções como as preposições são palavras conectivas invariáveis. As conjunções, quando parecem ligar termos ou palavras, de fato ligam orações ou proposições elípticas, coordenando-as ou subordinando-as.

Com a utilização das conjunções podemos compor períodos de ilimitada extensão e assim expressar ideias e pensamentos complexos. Classificam-se as conjunções em dois grandes grupos ou classes: conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.

As conjunções que ligam orações do mesmo nível, da mesma função ou ordem chamam-se coordenativas, havendo delas três espécies, a saber, conjunções coordenativas adversativas, alternativas e conclusivas. As conjunções que ligam uma oração subordinada a uma oração principal denominam-se conjunções subordinativas. Os cinco grupos em que se distribuem as conjunções subordinativas, de conformidade com a idéia que acrescentam à oração subordinada, são: conjunções causais, comparativas, condicionais, finais e temporais.

Preposição: Palavra inflexiva, transitiva (pede um complemento de objeto), que subordina o elemento que introduz, dito conseqüente, marcando a sua função. A preposição pode ser:

a) simples: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás. Incluem-se neste caso algumas formas adjetivas, tais como: conforme, consoante, durante, exceto, salvo etc.;

b) composta: (locução prepositiva): neste caso geralmente é formada por um advérbio seguido de uma preposição, ou precedido e seguido de preposições: por sobre, ao lado de, por baixo de, etc

SINTAXE

O termo em foco, etimologicamente falando, vem do grego συντάσσω syntassô mesmo tendo uma variadas formas de tradução, devo destacar os sentidos: arranjar, dispor e organizar.

Do ponto de vista geral, a sintaxe tem por finalidade estudar as relações que se estabelecem entre os termos das orações e dos períodos. Compreende o estudo do sujeito e predicado (termos essenciais da oração); os complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva (termos integrantes da oração) e o adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo (termos acessórios da oração).

De acordo com gramáticos o estudo da sintaxe divide-se em:

ANÁLISE SINTÁTICA

Esta será uma prática comum ao longo desta obra. Analisar um texto antigo, a luz da gramática grega, é importantíssimo para uma compreensão e exposição para o leitor que não tem acesso, não conhece a gramática grega, e tem dificuldades com gramáticas, seja ela qual for, aí, entra o autor exegeta, exemplifica o texto e transmite ao seu leitor o significado básico e simples do determinado texto.

Em análise sintática, cada palavra da oração é chamada de termo da oração. Termo é a palavra considerada de acordo com a função sintática que exerce na oração. Também conhecidos como termos "fundamentais", são representados pelo sujeito e predicado nas orações.

Em cada versículo grego da carta descobriremos se o substantivo, por exemplo, é o sujeito ou objeto direto, ou se é verbo de ligação ou não, se é adjetivo ou adjunto adnominal, assim por diante, basicamente, seria isto análise sintática. Para um aprofundamento do tema recomendamos estudar com mais frequência nosso idioma.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Primeiro devo salientar a concordância nominal. A sintaxe da concordância nominal compreende a do adjetivo, a do predicativo e a do pronome. O sistema nominal da língua grega no Novo Testamento é muito vasto, aparece a todo momento nos versículos. Παῦλος καὶ Σιλουανὸς καὶ Τιμόθεος τῇ ἐκκλησίᾳ Θεσσαλονικέων ἐν θεῷ πατρὶ καὶ κυρίῳ Ἰησοῦ Χριστῷ, χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη observe que neste primeiro versículo da epístola aparecem uma boa quantidade de substantivos.

Há também a concordância verbal, onde o verbo grego concorda com sujeito em número.

Além das duas formas gerais apresentada de forma resumidas, existem ainda a sintaxe de regência e a sintaxe de colocação.

INFORMAÇÕES GRAMATICAIS UTILIZADAS AO LONGO DA OBRA SÍNTESE DO GREGO BÍBLICO

AS VOGAIS

Introdução

O grego bíblico possui sete vogais. Teoricamente, o som da vogal passa livremente pela cavidade bucal.

São as vogais que facilitam uma leitura, apesar que neste grego bíblico seja difícil reproduzir a original.

Observe a importância das vogais na frase. Veja quais são

Maiúsculas
A E I O Y Ω H

Minúsculas
α ε ι ο υ ω η

Vogais breves (são aquelas em que o som não se prolonga tanto)

Em Romanos 1: 1 encontramos o termo εὐαγγέλιον, euangélion. Observe que nesta palavra aparecem as vogais ε e ο conforme a descrição abaixo:

	G r e g o			
	Epsilom	ε	ο	Omicrom
Transliterado		é	ó	

Na prática, quando formos transliterar um determinado texto, para o ε transliteraremos por um é (é com acento agudo), que dá o som de 'é'. Para o ο transliteraremos por 'ó'.

Vogais longas (são aquelas em que o som se prolonga um pouco)

G r e g o	η	ω
Transliterado	ê	ô

Na prática, quando formos transliterar um determinado texto, para o η transliteraremos por um ê (ê com acento circunflexo), que dá o som de 'ê'. Para o ω transliteraremos por 'ô'.

Vogais comuns ou ambivalentes

	G r e g o
	α ι υ
Transliterado	a i y

Tratando-se de ε e ο, de um lado, e η e ω de outro, nenhuma dúvida lhe paira quanto a quantidade. ε e ο são sempre breves, e η e ω sempre longas. Contudo, problemático é saber quando α ι υ sejam breves ou longas, já que elas podem ser breves com algumas consoantes e longas com outras.

OS DITONGOS

Quanto a sua definição:

Basicamente, o ditongo seria a “reunião de duas vogais proferidas numa só sílaba”. O termo tem origem no advérbio δίς, **dís** - duas vezes, duplo, e no substantivo φθόγγος, phthóggos - som, ou som duplo.

Quanto a sua estruturação:

Basicamente, no ditongo a primeira das vogais (o ditongo é a reunião de duas vogais) é sempre aberta, e pode ser: α, ε, η, ο, ω; e a segunda vogal sempre fechada: ι, υ. Devemos atentar para a única exceção, no ditongo υι, em que ambas as vogais são fechadas.

Quanto a seus tipos:

Os eruditos citam pelo menos dois tipos de ditongos, a saber: os impróprios e os reais.

IMPRÓPRIOS:

São aqueles em que a primeira das vogais é longa (α , η , ω). Sendo assim, sua sonorização é clara. Ele vem seguido sempre d[\omicron] ι , que é breve e não se pronuncia mais.

Ditongos impróprios

α , η , ω

Transliteração

a(i) ê(i) ô(i)

IÔTA SUBSCRITO

Quando o ι (iôta) se une ao α longo (esta vogal pode ser longa ou breve), ao η e ao ω com a finalidade de formar um som, é escrito sob a outra letra e não depois dela. Quando isso ocorre, o iôta é chamado de iôta subscrito. Veja α , η , ω . Neste caso, é considerado ditongo, sem contudo produzir algum efeito na pronúncia.

REAIS:

São aqueles em que ambas as vogais são breves e soam separadamente. A única exceção é ao ditongo *ou*, que soa como 'ú'.

Ditongos reais

αι, αυ, ει, ευ, οι, ου, υι
αι, αυ, ει, ευ, οι, ú, ui

TRANSLITERAÇÃO

Outros exemplos dos ditongos

Ditongos com aspiração branda

αἰ = ai αὐ = au εἰ = ei εὐ = eu
οἰ = oi οὐ = u υἰ = ui υἰ = vi

RESUMO SOBRE OS ACENTOS

Introdução

A criação dos sistemas de acento veio do ano 200 a.C., sendo criado por Aristófanes de Bizâncio para facilitar a pronúncia correta. Todas as palavras gregas recebem acentos, com exceção das enclíticas e proclíticas.

O que é um acento? Como identificá-lo? De acordo com a língua portuguesa, acento é:

* Inflexão da voz numa sílaba, em altura ou intensidade;

* Sinal diacrítico com que se representa a acentuação de uma palavra.

Na língua portuguesa o acento tem dupla finalidade:

- * Caracterizar o som de uma vogal;
 - * Indicar a sílaba tônica da palavra.
- a.ce.le.rô.me.tro

Na língua grega o acento tem uma única finalidade:

- * Indicar a sílaba tônica da palavra.

φθόγγος

De acordo com os especialistas, nos documentos mais antigos quase inexitem sinais diacríticos. Editores e gramáticos, no decorrer do tempo, lentamente, introduziram recursos de acentuação e pontuação no intuito de tornar mais fácil a leitura e o reconhecimento das formas. Alguns acentos só foram introduzidos a partir do século VII de nossa era.

1. Síntese sobre as acentuações

- 1.1. **Acento agudo** (sinal gráfico ´). Usado para indicar a sílaba tônica, podendo recair sobre qualquer das três últimas sílabas de uma palavra, sobre vogais ou ditongos. Ex.: Λέγω οὖν, μὴ ἀπόσατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ; μὴ γένοιτο· καὶ γὰρ ἐγὼ Ἰσραηλίτης εἰμί, ἐκ σπέρματος

1.2.

- 1.3. **Acento grave** (sinal gráfico `). Só é usado para substituir o acento agudo nas palavras oxítonas, quando estas vierem seguidas imediatamente de vocábulos acentuados. Assim sendo, temos um certo abaixamento do tom da sílaba que o recebe: “Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.” (Jo 1: 1);
- 1.4.
- 1.5. **Acento circunflexo** (sinal gráfico ^). Emprega-se apenas em uma das duas últimas sílabas do vocábulo, desde que tenha quantidade longa, isto é, tenha uma vogal longa ou uma sílaba longa por natureza: “τὸ δὲ σῶμα τοῦ Χριστοῦ.” (mas o corpo é de Cristo) (Col 2: 17);
- 1.6.
- 1.7. **Aspiração branda** (sinal gráfico ’). Um sinal diacrítico que vem sobre toda vogal e ditongo no começo de uma palavra. É chamado também de espírito (do latim spiritus = sopro), para indicar que são aspiradas. A aspiração branda ou espírito doce indica ausência de aspiração, em nada alterando a pronúncia, isto é, não exerce nenhuma influência sobre a pronúncia da vogal. Exemplo: ἀρχη, ἀπώσατο.

1.8. **Aspiração áspera:** (sinal gráfico ‘). Também conhecida como espírito forte ou rude. De acordo com a doutora Nedda, já na época imperial romana o espírito forte era utilizado na grafia manuscrita. Esta aspiração, diferente da branda, soa como “h” aspirado. Exemplo: ὅμοιος, ὑποκρισεῖς.

1.9.

1.10. **Observações gerais:** as aspirações, como também são acentos, colocam-se sobre as vogais minúsculas. Se a letra inicial for maiúscula, ai, a aspiração coloca-se antes. Exemplo: ἀρχη observe que a palavra grega possui uma aspiração branda sobre a letra. Ἐν neste outro exemplo a espiaração está antes da letra grega. Já nos ditongos, tantos as aspirações como os acentos colocam-se sempre na segunda vogal. Exemplo: αὐτοῦ observe que no ditongo αὐ a aspiração está na segunda vogal.

1.11. Revisões gerais sobre o acento

Πρόϊμος: Trema: indica que duas vogais não formam um ditongo;

δι' αὐτου: Apóstrofo: corte ou supressão de uma letra;

ᾶ- Aspiração branda: não muda a pronúncia da letra;

ἄ- Aspiração áspera: transforma a pronúncia em som de "h".

ἀγάπη. ----- Amor. (ponto final)

ἀγάπη· ----- Amor: (dois pontos)

Amor; (ponto-e-vírgula)

Amor! (ponto de exclamação)

ἀγάπη, ----- Amor, (vírgula)

γλωῶσσα ----- Língua (^, ~). (circunflexo ou til).

Todas as palavras gregas são acentuadas, exceto, claro, as enclíticas e proclíticas. As enclíticas são as palavras monossílabas e dissílabas desprovidas de tonicidade e, por isso, precisam se apoiar numa palavra que vem antes para formar uma unidade. As proclíticas são palavras monossílabas que não possuem acento e estão intimamente ligadas à próxima palavra.

2. Sílabas

Sílaba é o fonema ou grupo de fonemas pronunciado em uma só emissão de voz. Na língua grega as sílabas possuem tantas sílabas quantas lhes sejam as vogais ou ditongos distintos, isto é, quanto mais uma palavra tiver vogais ou ditongos, terá mais sílabas.

Uma sílaba poderá perfeitamente se iniciar com uma vogal ou consoante e, também, poderá terminar com uma vogal ou consoante. Uma sílaba também poderá conter somente uma vogal ou consoante.

Monossilábica:	οὐκ
Dissilábica:	πᾶ-σαυ
Trissilábica:	πέ-ρα-τα
Polissilábica:	οἰ-κου-μέ-νης

Estudos introdutórios aos verbo no grego

Verbo é a palavra que designa ação, estado, qualidade ou existência (Dic. Aurélio). Na sistematização gramatical do português, o contexto do verbo é muito profundo. No nosso curso servirá apenas para uma noção básica da língua do NT. No sistema gramatical estudamos sempre paralelamente. Tanto no português como no grego, o verbo tem tempo, modo e voz. Para uma compreensão mais profunda, veja abaixo um gráfico sobre tempo, modo e voz.

Introdução à flexão dos verbos

Número

No grego, tanto os verbos como os substantivos admitem singular ou plural. No caso dos verbos, o número traz uma importante indicação: se o sujeito é singular ou plural.

1.1. NÚMERO

SINGULAR.....PLURAL

1.3. Pessoa

Servem de sujeito ao verbo as três pessoas gramaticais:

13.1. 1ª Pessoa: aquele ou aquela que fala, podendo perfeitamente entrar o número singular ou plural.
Veja:

* Singular - Eu ouço.

* Plural - Nós ouvimos.

13.2. 2ª Pessoa: aquele ou aquela que ouve:

* Singular - Tu respondes.

* Plural - Vós respondeis.

13.3. 3ª Pessoa: aquele ou aquela de quem se fala:

* Singular - Ele, ela responde.

* Plural - Eles, elas respondem.

Obs. Com tal exposição, fica bem claro ao aluno que flexionar os verbos gregos na sua forma simples não é tão complicado, pois as flexões da pessoa e número vêm associadas uma à outra, isto é, ao indicar a pessoa gramatical, o morfema também indica o número. Portanto, pessoa e número correspondem praticamente a uma única flexão: estão ligados.

MODO DO VERBO EM GREGO

Indicativo

Esta parte é fundamental a sua memorização, pois o indicativo é importante para a exegese de alguns textos, principalmente das cartas de João. No modo indicativo o falante afirma ou nega fatos, considerando os tais tidos como certos. É lógico que este modo depende de quando ele é feito: se no passado ou presente. Isto veremos à frente. Ex: “o médico Jesus nos socorreu...”.

Subjuntivo

Neste caso, o falante considera o fato como possibilidade, anuncia o fato com dúvida ou com muita hipótese. Ex: “que você desate as sandálias...”.

Imperativo

Este é o mais simples: o fato é anunciado como uma ordem. Não é um simples pedido, mas uma proibição ou um conselho. Ex: “ide por todo o mundo...”.

Optativo

Ao pé da letra, é aquilo que indica opção. Porém, como modo do verbo grego, expressa desejo, opção. Ex: “o desejo de Deus é a salvação”.

Infinitivo

Em uma simples definição, é substantivo verbal, um modo verbal que, em português, exprime ação sem determinar número ou pessoa. Nem sempre o infinitivo grego deverá ser traduzido como no português.

2.6. Participípio

No português ou no grego o verbo pode ter uma função de adjetivo-verbal, isto é, qualidade. O aluno não precisa se assustar, os modos são apenas introdutórios.

Voz do verbo em grego

A voz relacionada ao verbo tem uma indicação importante de como a ação ou o estado do verbo se refere o sujeito, se aconteceu tal ação. Exemplo: o caminhão bateu, eu preguei, eu joguei, etc. Isto com certeza foi precedido por uma causa. A voz, nesta contextualização, indicará o sujeito do verbo. No grego temos três vozes verbais:

Ativa

É aquela que o agente sujeito pratica a ação verbal. Ex: “e Paulo orou...” (Paulo praticou a ação da oração).

Média

É aquela que indica que o agente sujeito realiza uma ação verbal em benefício próprio OU participa do resultado final da ação. Ex: “eu comprei um campo para mim”.

Passiva

É aquela que indica que o agente sujeito sofre a ação verbal. Ex: “o templo foi derrubado por Sansão”.

Elementos estruturais verbo no grego

O aluno já percebeu que, por enquanto, ainda não citamos nada de grego propriamente dito, pois é preciso todo este conceito. Uma forma verbal pode perfeitamente apresentar os seguintes elementos estruturais, isto é, o que compõe o verbo:

Radical

“Parte invariável de uma palavra” (Dic. Aurélio).

É o elemento básico de uma palavra, que expressa o significado essencial do verbo. O radical é a parte do verbo que permanece inalterável durante a flexão. Para se intensificar um radical de uma forma verbal, é preciso tirar a vogal temática e sua terminação.

Ex: Vender----radical: vend-

λόγος, radical: λογ- (palavra).

Βάλλω, radical: βαλλ- (eu jogo).

γινώσκω, radical: γινωκ- (conheço).

Sendo assim, fica fácil memorizar o que realmente seja um radical de um verbo. Indo um pouco a fundo, veja as palavras: laranja, laranjinha e laranjão. Observe que todas as palavras possuem as letras lar - é exatamente isto que é o radical!

Vogal temática

É a vogal que caracteriza a conjugação, isto é, uma vogal que fica apresentada entre o radical e sua terminação final. A vogal temática serve de ligação entre o radical e a terminação.

Ex: vender. Vogal temática -e

λόγος. **Vogal temática** --o

Terminação

O próprio nome já responde sua finalidade. A partir do verbo, fornece sua flexão, indica a pessoa gramatical, isto é, número e voz. Com o estudo dos três pontos de estudo da estrutura do verbo, fica muito fácil de encontrar:

A - Radical; B - Vogal temática;

C - Terminação.

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

Com os três pontos memorizados, vamos a vários exemplos de verbos gregos e como encontrar as três formas: radical, vogal temática e terminação. Vamos tomar como exemplo o verbo ἄγω, eu conduzo.

ἄγ-----ο-----μαι
Radical Vogal temática Terminação.

Todos os verbos, na maioria das ações, devem apresentar este modelo. Isto é importantíssimo para a exegese.

Lembrando que este não é um quadro completo, pois trata apenas de noções preliminares. Mas com esta base já dá para o aluno fazer muita coisa com os verbos gregos. Resumindo até aqui, os verbos gregos podem ser: Indicativo, Subjuntivo, Imperativo, Optativo, Infinitivo e Particípio. Veremos tudo isto na prática logo na sequência.

INTRODUÇÃO AOS SUBSTANTIVOS PARA USO NA PRESENTE OBRA

De acordo com os expositores da língua portuguesa, substantivo é a palavra que serve para nomear pessoas, animais, lugares ou coisas. Indo um pouco a fundo, é algo que determina existência, exemplo:

- a) Animada: Deus, anjos, homem, etc!
- b) Inanimada: pau, ferro, mesa, etc!
- c) Real: casa, homem, etc!
- d) Imaginária: assombração, fantasma.
- e) Concreto: ferro, pedra.
- f) Abstrato: pureza, bondade.

O QUE É DECLINAÇÃO

DECLINAÇÃO: é a mudança que ocorre na forma dos substantivos (incluindo pronomes, adjetivos e verbos no particípio), com o propósito de indicar sua relação com o restante da sentença. Há 3 declinações em grego. (caso queira aprofundar no estudo do grego bíblico, procure cursos online).

Os substantivos, no grego, têm gênero, número e caso. Vejamos:

GÊNERO: existem 3 gêneros: masculino, feminino e neutro. Os gêneros devem ser decorados juntamente com a palavra.

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

OBSERVAÇÃO: em grego não há artigo indefinido, nem no singular, nem no plural. Assim, ἀδελφός pode significar “irmão” ou “um irmão”. No entanto, existe o artigo definido, e quando este aparece à tradução no Português também deve contar o artigo definido. Assim, ἄνδρες significa “homens” ou “uns homens”, mas não pode ser traduzido por “os homens”.

NÚMERO: como no Português, existem 2 números (singular ou plural). Verbos concordam com o sujeito em número. Vejamos:

ἕνας δούλος ἐστὶν ἀφαιρῶν = um servo/escravo está soltando/destruindo.

ἄνδρες δούλοι ἐστὶν ἀφαιρῶν = uns servos/escravos estão soltando/destruindo.

CASO: é a função que um substantivo (declinado) exerce na sentença. Caso é uma questão de função; declinação é uma questão de forma. Existem 5 casos: Nominativo, Genitivo, Dativo, Acusativo e Vocativo.

a) Nominativo: O sujeito de uma sentença aparece sempre no Nominativo.

b) Genitivo: Expressa posse, bem como origem ou derivação. O Genitivo tem outros usos, os quais deverão ser aprendidos por observação; mas por enquanto, iremos ficar com estes dois usos principais.

c) Dativo: É o caso do objeto indireto, ou seja, a quem a ação do sujeito se refere. Ex: O Dativo (como o Genitivo), também tem outras funções que deverão ser aprendidas posteriormente.

d) Acusativo: É o caso do objeto direto, ou seja, sobre quem a ação do sujeito.

e) Vocativo: É o caso de invocação ou exclamação. – “ó, homem!” ou “homem!”. O Vocativo plural em todas as declinações é semelhante ao Nominativo plural.

OBSERVAÇÃO: ἄνθρωπος é um substantivo neutro. Os vocativos de substantivos neutros em todas as declinações são idênticos aos nominativos (singular e plural). O nominativo, acusativo e vocativo plural terminam com “-ων” breve.

ORDEM DAS PALAVRAS

A maneira normal de construir uma sentença é: sujeito, verbo e objeto. Ex: “O homem fala palavras”. Já no grego a ordem das frases é determinada pela ênfase que se quer dar à sentença.

Identificação ou análise de substantivos: Deve-se identificar o caso, gênero, número, raiz e significado. Obs: a raiz de um substantivo é o nominativo singular do mesmo. Vejamos um exemplo de como identificação ou análise.

DEFINIÇÃO DE EXEGESE PARA USO NA PRESENTE OBRA

O termo 'exegese' é proveniente de dois termos grego, veja:

a) “ἐκ ου ἐξ, ek ou eks”

No termo técnico em foco primeiro temos a preposição acima alistada, que aparece com certa frequência em [o] NT, mais de 650 vezes. Basicamente, ela carrega os seguintes sentidos:

- De dentro de;
- A partir de. Além destas, temos outras possibilidades variando conforme a tradução lingüística.

b) “ἄγω, agô”

A outra parte do termo 'exegese' é formada pelo radical do verbo acima, que carrega os seguintes significados básicos, veja:

- Conduzir;
- Trazer.

Portanto, temos “εκ ου εξ, ek ou eks” + “ἄγω, agô”, indicando o profundo sentido de: arrancar para fora do texto o sentido de dentro, é tirar de dentro do texto o sentido real e aplicá-lo fora e/ou conduzir de dentro do texto o sentido dele para fora.

É evidente, que neste caso vale-se, pois, do conhecimento das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), da confrontação dos diversos textos bíblicos e das técnicas aplicadas nos ramos linguística e da filosofia, ligadas diretamente.

Definição de eisegese

O termo ‘eisegese’ é proveniente de dois termos grego, veja

a) “εις, eis”

No termo técnico em foco primeiro temos a preposição acima alistada, que aparece com imensa frequência em [o] NT, mais de 1500 vezes. Basicamente, ela carrega os seguintes sentidos contrário com a alistada acima, veja:

- Para (à);
- Para dentro de. Além destas, termos outras possibilidades variando conforme a tradução linguística.

b) “ἄγω, agô”

A outra parte do termo ‘exegese’ é formada pelo radical do verbo acima, que carrega os seguintes significados básicos, veja:

- Conduzir;
- Trazer.

Portanto, temos “εἰς, eis”+ “ἄγω, agô”, indicando o profundo sentido de: colocar para dentro do texto o sentido de fora, é tirar de fora do texto o sentido imaginário e aplicá-lo dentro do texto e/ou conduzir para dentro do texto o sentido de fora do texto. Portanto, esta tal ‘eisegese’ pode perfeitamente gerar os seguintes princípios:

- É mera especulação linguística, teológica e histórica;
- Todas as heresias nascem da axiologia exacerbada tendo como núcleo a eisegese;
- O misticismo contínuo, vem da eisegese;
- A eisegese, é a mãe da interpretação particular.

Hermenêutica x exegese

Enquanto que a hermenêutica é a ciência e arte da interpretação bíblica, a exegese indica o modo de arrancar para fora do texto o sentido de dentro, é tirar de dentro do texto o sentido real e aplicá-lo fora. É a disciplina que aplica métodos e técnicas que ajudam na compreensão do texto.

Levando em consideração das diferenças técnicas, apresentadas pelos teóricos no começo desta lição, levamos em consideração que do ponto de vista etimológico, hermenêutica e exegese são sinônimo ou no mínimo bem paralelo.

Mas hoje alguns teóricos e especialistas costumam fazer a seguinte diferença: Hermenêutica é a ciência e arte da interpretação bíblica, que permitem descobrir e explicar o verdadeiro sentido do texto, enquanto a exegese é a arte de aplicar essas normas, ou em outras palavras, a exegese seria a prática da hermenêutica, sempre lembrando da complexibilidade acentuada nos termos técnicos.

Tipos básicos de exegese

Evidentemente, que cada qual aplica, ou pelo menos em teoria, suas regras próprias de exegese. Neste método classificamos os seguintes tipos de exegese, vejam:

a) Exegese Rabínica

Está claro que os judeus interpretavam a Escritura letra por letra, por causa da noção de inspiração que tinham a da importância desta inspiração.

Se uma palavra não tinha sentido perceptível imediatamente, eles usavam artifícios intelectuais, para lhe dar um sentido, porque todas as palavras da Bíblia tinham que ter uma explicação, pelo menos em teoria.

UM POUCO SOBRE ACOMODATÍCIO

É a acomodação a um sentido à parte que combina com as palavras.

Os especialistas opinam que é a Bíblia aplicada à realidade apenas pela coincidência dos textos. Um exemplo bem claro podemos utilizar o texto de Mateus se lê “do Egito chamei meu filho” ...para que se cumprisse a Escritura.

Mas o sentido, ou seja, a aplicação original deste trecho não se referia ao Filho de Deus, mas à saída do Povo do Egito. Isto de acordo com a hermenêutica rabínica (sendo que nós não cremos assim).

Na hermenêutica rabínica encontramos ainda um outro exemplo de acomodação é a aplicação a Maria dos textos do livro da Sabedoria. Estes são mais literatura que Escritura. Todavia, crendo-se na inspiração, aceita-se que as palavras do autor podem ter uma significação mais profundo que a original, ou iria muito além do que ele realmente queria dizer.

Exegese Protestante

De acordo com os especialistas ela surgiu do protesto de alguns cristãos contra a autoridade da Igreja como intérprete fiel da Bíblia, isto é, este protesto se deu da derrubada da teoria que somente o clero podia entender a Bíblia.

Lutero instituiu o princípio da “sola scriptura” (só a Escritura), sem tradição, sem autoridade, sem outra prova que não a própria Bíblia, neste caso, quem tem poder de interpretar é somente a Bíblia. A partir daquele instante, com uma grande necessidade de práticas hermeneuticas, os Protestantes dedicaram-se ao estudo mais profundo da Bíblia, e com preocupação de sua aplicabilidade e antecipando-se mesmo aos Católicos.

Mas o princípio posto por Lutero possibilitou um desastre hermenêutico, pois ele mesmo disse que cada um interpretasse a Bíblia como entendesse, isto é, como o Espírito Santo o iluminasse, aí, acho que complicou um pouco, sendo que precisamos das regras, já que a hermenêutica é uma ciência, e portanto, toda ciência tem regras.

Exegese Católica

Na exegese católica, partia-se dos escritos dos pais da Igreja para a Bíblia. Para a cristandade defensora dessa exegese, a Bíblia dizia aquilo que os pais da Igreja já haviam dito. Hugo de São Vítor chegou a dizer: “aprende primeiro o que deves crer e então vai à Bíblia para encontrares a confirmação”. Sendo assim, colocaram a interpretação dos pais da igrejas como infalível, principalmente na idade média, a exegese esteve de mãos atadas pelas tradições e pela autoridade dos concílios.

A regra era apegar-se ao máximo aos métodos tradicionais de interpretação

valorizando mais a tradição e menos a Bíblia, sendo que na hermenêutica moderna, fica claro a completa revelação da Bíblia, sem necessidade de acessórios externos humanos (não me refiro a geografia, arqueologia, etc).

Princípios básicos de exegese

Neste particular, há uma variação de autor para autor, contudo, alistaremos abaixo os principais princípios, veja:

a) Um fato que denomina-se princípio da unidade escriturística ou particularidade bíblica, sob a inspiração divina a Bíblia ensina apenas uma teologia. Não pode haver diferença doutrinária entre um livro e outro da Bíblia, na prática, por exemplo, Pedro não pode contrariar Paulo em um mesmo assunto, se aparentemente isto estiver, existe alguma obscuridade nisto;

b) Aprender a ler cuidadosamente o texto, sem aplicar juízos de valorem imediatamente, mais deverá ter atenção com as vírgulas, pontos finais e parágrafos, pontos de exclamação e interrogação, dois pontos e ponto e vírgula e de certa forma fundamentação gramatical;

c) Já na reforma fora alistado de que a Bíblia interpreta ela mesma, é claro este princípio vem da Reforma Protestante agilizada por Lutero. O sentido mais claro e mais fácil de uma passagem explica outra com o sentido mais difícil e mais obscuro, cuidado com as axiologias lógicas;

d) Ler o texto em todas as traduções, em ARA, ARC, NVI, ECA.

e) Esta aplicação interpretativa é considerado como um trabalho de interpretação que é científico e espiritual, por isso deve ser feito com isenção de ânimo e tentando-se desprender de qualquer preconceito e partidarismo de igreja ou associações.

Por que todo este conjunto é importante?
Para uma boa aplicação das regras!

DEFINIÇÃO DO TERMO EPÍSTOLA PARA USO NA PRESENTE OBRA

Definições gerais

A palavra 'epístola' é de origem da língua grega. É formada da preposição 'Epí', que no Novo Testamento é utilizada em diversos sentidos. Os principais são: 'com', 'sobre', etc... e a segunda parte do termo grego 'Stolê' que basicamente se traduz como 'túnica'. Numa tradução hiper literal 'epí' + 'stolê' ficaria com 'sobre túnica' ou 'com a túnica'? parece sem sentido? Bom, de acordo com o linguista Johannes Louw o substantivo 'Stolê' pode ser traduzido como 'capa cumprida e solta ao redor do corpo'.

O mestre José Apolônio da Silva conta que naquela época existia uma 'bolsa' feita e trabalhada com um acabamento 'especial' onde as cartas eram colocadas dentro dessa 'bolsa'. Assim, essa 'manta' era colocada no lombo d[o] jumento que a levava ao destinatário. Então, nesse caso, epístola (ou pano derivado do stolê) era o recipiente que levava as cartas

Associação do termo com 'carta'

O termo 'epístola' em nossa língua é uma transcrição do latim 'epistola', por sua vez, vem transliterado do substantivo grego epistolê (que é a junção de 'epí' + 'stolê'), neste caso, os dicionários traduzem como 'carta', palavra conhecida em nossa língua.

O termo 'carta', por sua vez, não vem grego, e, sim do latim.

Informações sobre os manuscritos nesta obra

Este capítulo se faz necessário pelo motivo de precisarmos de fazer várias citações ao assunto. Basicamente, existem três categorias de manuscritos.

De acordo com o Dr. Omanson os manuscritos gregos se dividem em duas categorias: *manuscritos gregos de textos contínuo*, ou seja, textos gregos contendo todo os versículos, capítulos e livros inteiros. *Os Lecionários*, contém passagens de textos diversos do Novo Testamento organizados de acordo com o calendário litúrgico e eclesiástico da igreja.

a) Manuscritos do Novo Testamento Grego em letras conhecidos como letras maiúsculas (ou Unciais) - manuscritos em caracteres maiúsculos, escritos em velino e pergaminho. Os escritos dos séculos III e utilizados até o século XI. Existem cerca de 322 Unciais. estes manuscritos possuem um número e um símbolo conforme alguns resumos abaixo:

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

01	Ⲙ	Sinaiticus	século IV
02	A	Alexandrinus	século V
03	B	Vaticanus	século IV
04	C	Ephraemi Rescriptus	século V
05	Dea	Bezae Cantabrigiensis	século V
06	Dp	Claromontanus	século VI
07	Ee	Basilensis	século VIII
08	Ea	Laudianus	século VI
09	Fe	Boreelianus	século IX
010	Fp	Codex Augiensis	século IX

b) Manuscritos do Novo Testamento Grego em letras conhecidos como letras minúsculas (ou Cursivas). Este método fora elaborado definitivamente a partir de 1908, pelo erudito C. R. Gregory, onde classificou os Unciais conforme o descrito acima e os cursivos ou minúsculos por numerais em algarismo Arábicos. Já os manuscritos em Papiros, são representados pela letra 'P'.

Até agora permanece mistério o estilo da escrita cursiva. Agora, está certo que estas mudanças no estilo e/ou no tipo escrita começaram a surgir somente a partir do sexto século, o que eventualmente levou (no nono século) ao manuscrito cursivo, ou em minúsculas, escrito em letras menores, muitas delas emendadas num estilo de escrita corrente ou fluente. Alguns apostam no motivo de espaço para criação dos Cursivos.

c) Manuscritos em papiro. Entre os códices em papiro encontrados no Egito por volta de 1930 encontravam-se papiros bíblicos de grande importância, anunciando-se a sua compra em 1931. Alguns destes códices em grego (datando do segundo ao quarto séculos) consistem em partes de oito livros do VT (Gênesis, Números, Deuteronômio, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Ester), e três deles contêm partes de 15 livros do NT. A maioria destes papiros bíblicos foi comprada por um colecionador americano de manuscritos, A. Chester Beatty, e eles são agora preservados em Dublin, na Irlanda. Os demais foram adquiridos pela Universidade de Michigan e por outros.

A designação internacional para os papiros bíblicos é um “P” maiúsculo, seguido por um pequeno número elevado. Outros manuscritos antigos importantes, com certeza são os do país da igreja. Em extensão máxima, temos do século segundo ao oitavo. Por quê estes manuscritos seriam importantes?

- a) Foram escritos em grego e latim;
- b) Eles citaram diversas passagens do NT.

Os eruditos observam que os manuscritos dos países da igreja podem perfeitamente serem datados com um grau de certeza, aí, então, facilitaria para uma eventual ajuda de outras passagens do NT grego. Assim sendo, em alguns casos, seria imprescindível os seus estudos.

Definição de Crítica Textual

Crítica textual é o estudo das cópias de um documento qualquer para se chegar ao denominador comum, o autógrafo (texto original). Observe que o termo 'crítica' não é utilizado em sentido restritamente negativo, como muitos imaginam.

O autografo, que me refiro é o primeiro manuscrito escrito pelos autores do NT no primeiro século, claro, do primeiro século.

Esta minuciosa ciência propõe avaliar todas as evidências dos manuscritos existentes e chegar ao verdadeiro propósito dos autores originais. Contudo, como disse anteriormente, o autógrafo não existe mais e as cópias sobreviventes divergem entre si em alguns pontos. Assim sendo, é de suma importância a prática do estudo da crítica, claro, é de extrema importância.

Tipos de manuscritos gregos antigos

Dentre os materiais utilizados para prática de crítica textual destaque: os papiros, pergaminhos, unciais (são os manuscritos com as letras gregas todas maiúsculas), minúsculos, lecionários (coleções de textos bíblicos). Trata-se de porções escritas do texto grego.

No primeiro século não existia somente a língua grega, pelo contrário, existia várias línguas do mundo romano, dessa forma, seria necessário o aparecimento de versões, ou seja, traduções do Novo Testamento grego (me refiro aos manuscritos) para essas línguas, para isto, os eruditos dão o nome de versões. Outros manuscritos importantes, também, para crítica textual são as citações do Novo Testamento dos chamados pais da igreja.

E as quantidades desses manuscritos?

De acordo com os eruditos existem aproximadamente cinco mil e setecentos manuscritos do Novo Testamento. Do montante citado, existe cerca de dois mil e duzentos são lecionários. Manuscritos completos do Novo Testamento há cerca de cinquenta e sete.

Uma grande maioria são de manuscritos d[os] evangelhos (mil novecentos e quarenta e dois). Cerca de cinco por cento do total (duzentos e noventa) é de fragmentos de livros.

Uma palavra sobre versões

As versões, como antecipado acima, são traduções antigas do Novo Testamento em línguas do mundo romano (latim, siríaco, copta, armênio, gótico). De acordo com os eruditos, há mais de dez mil manuscritos do NT apenas em latim.

As citações dos Pais da Igreja

Existem milhares de citações catalogadas dos Pais da Igreja. Estas citações seriam suficientes para recuperar todo o Novo Testamento Grego.

Estatísticas gerais e do catalogo dos manuscritos antigos

Há cerca de quatrocentas mil variantes entre os manuscritos catalogados (para um total de aproximadamente cento e quarenta mil palavras de texto).

Muitas dessas variantes (cerca de oitenta por cento) são simples questões de grafia (tipo um ν [letra grega ni] móvel).

Especialistas em crítica textual opinam que as restantes vinte por cento, cerca de quinze por cento não fazem qualquer diferença na tradução. Me refiro a trocas de letras ou a substantivos que não mudam o sentido geral da ideia, etc.

Dos cinco por cento restantes, apenas uma quinta parte (um por cento do total) tem significância exegética. Então, na prática, temos noventa e nove por cento de credibilidade no nosso texto.

Existe um total de quatro mil variantes com significância exegética. O NT que usamos selecionou mil e quatrocentas variantes mais significativas. As informações são trazidas no aparato crítico (parte inferior do NT que traz a composição dos manuscritos que defendem tais variantes).

Há a informação de que noventa e cinco por cento do texto do NT é totalmente original. A confiabilidade dessa informação deve-se ao fato de ser muito antiga.

Variantes textuais

O estudante da Bíblia em português sempre se depara com a construção: “não se encontra nos manuscritos mais antigos”. O tradutor, com certeza, se refere a uma variante textual, isto é, existem em uns manuscritos e em outros não. É justamente o que simplificaremos para os nossos leitores, colocaremos as principais.

As variantes textuais no Novo Testamento aparecem quando copistas fazem intencionalmente ou acidentalmente mudanças de um texto quando são reproduzidos. O teólogo alemão Eberhard Nestle (1815—1913), conhecido pela edição Nestle-Aland do Novum Testamentum Graece, estimulou

que existem cerca de 150.000 - 200.000 variantes no texto do Novo Testamento. Bart D. Ehrman (1955—), um acadêmico minimalista bíblico norte-americano, afirma que existem até 400.000 variantes. O biblicista conservador Jack Moorman, por outro lado, pondera que dos cerca de 5 mil manuscritos existentes hoje, 99% deles concordam em mais de 99% entre si. Uma das maiores autoridades em grego neotestamentário da atualidade, Bruce Manning Metzger, professor emérito do Princeton Theological Seminary (Antigo Professor de Bart D. Ehrman), afirma que as diferenças não afetam substancialmente nenhuma doutrina cristã. Norman Geisler e Willian Nix acrescentam: “O Novo Testamento, então, não apenas sobreviveu em maior número de manuscritos que qualquer outro livro da antiguidade, mas sobreviveu em forma mais pura que qualquer outro grande livro – uma forma 99,5% pura”. Grasso cita o parecer de algumas autoridades como Amiot e Hort. Assim se expressou: “No conjunto dos manuscritos encontram-se aproximadamente 250.000 variantes incluindo as citações dos padres antes do IV Século e das antigas traduções. A maioria delas é insignificante: referem-

se somente à ortografia e à disposição das palavras Segundo Hort, 7/8 do texto estão fora de discussão. As variantes que modificam o texto abrange a milésima parte dele: somente umas 15 variantes têm certa importância; contudo, nenhuma delas toca a substância do dogma estabelecido pelas passagens criticamente certas, sem termos a necessidade de lançar mão de textos duvidosos”

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Variantes_textuais_no_Novo_Testamento

III-QUESTÕES HISTÓRICAS

Resumo biográfico de Paulo

Infância

O apóstolo Paulo nasceu mais ou menos na mesma época que Cristo. O Dr. F. F. Bruce, também usa a terminologia 'provavelmente' para a primeira década da era cristã. O erudito J. Becker, também coloca em dúvida a data do nascimento de Paulo, o apóstolo.

O seu nome שָׁאוּל Shâ'ul (Saulo), claro, é um nome hebraico e aparece pela primeira vez em Atos 7.58 " E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo".

Durante a infância, provavelmente, foi-lhe também, ou quando nasceu, o nome de Paulo "para que o usasse no mundo gentílico", assim como "Saulo" seria o nome hebraico. O nome romano 'Paulo', significa 'pequeno', dizem que o motivo a isso se deu por causa de sua estatura.

Cidade Natal

De acordo com a própria Bíblia ele era natural de Tarso, a capital da Cilícia, uma das províncias romana no primeiro século, a sudeste da Ásia Menor.

De acordo com os historiadores esta cidade ficava nas margens do Rio Cidro, que era navegável, formando-se, assim, um vasto centro de tráfego comercial com muitos países ao longo das praias mediterrânicas e também com países da Ásia Menor Central. Ela tornou-se, deste modo, numa cidade que se distinguiu pela riqueza dos seus habitantes.

Tarso, era também, a sede de uma famosa universidade com uma reputação ainda maior do que as universidades de Atenas e Alexandria, as outras universidades que existiam na altura. Aqui, nasceu Saulo e aqui passou a sua juventude, sem dúvida gozando da melhor educação que a sua cidade natal podia oferecer. O seu pai pertencia à facção judaica mais estrita - os Fariseus. Era da tribo de Benjamim, de sangue judeu puro e não misturado (At 23: 6; Fp 3: 5).

Família

A Bíblia não encontramos tantas ou quase nada sobre a sua mãe; mas existem razões para concluir que ela era uma mulher pia e que exerceu toda a sua influência materna na moldagem do carácter do seu filho. É isso que, mais tarde, ele pôde dizer de si próprio: que, desde a sua infância, era “segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3: 6).

Lemos sobre a sua irmã e o filho desta (At 23: 16) e sobre outros familiares (Rm 16:7, 11, 12). Embora judeu, o seu pai era um cidadão romano. Não se sabe como conseguiu este privilégio.

Pode ser comprado, ou ganho através de serviços notáveis para o Estado, ou adquirido de várias outras maneiras; de qualquer maneira, o seu filho nascera livre. Era um privilégio valioso e que se provou ser muito útil para Paulo, embora talvez não da maneira que o seu pai imaginara.

Estudos em Jerusalém

Tendo-se completado a sua educação preliminar, Saulo foi enviado, quando tinha entre 12 e 15 anos, para a grande escola judaica relacionada com a instrução sagrada, em Jerusalém, como estudante da lei. Foi aluno do aclamado Rabino Gamaliel e lá passou muitos anos num estudo elaborado das Escrituras e das muitas questões relacionadas com elas e com as quais os rabinos se exercitavam. Durante estes anos de estudo diligente, ele viveu “em toda a boa consciência”, sem se deixar corromper por qualquer dos vícios daquela grande cidade.

Quando terminou os estudos, ele terá deixado Jerusalém e voltado para Tarso, onde é provável que, por alguns anos, se tenha envolvido em algo relacionado com a sinagoga. Volta a Jerusalém pouco depois da morte de Cristo. Aí, inteira-se dos pormenores relacionados com a crucificação e o nascimento da nova seita dos “Nazarenos”.

Durante os dois anos a seguir ao Pentecostes, o Cristianismo foi calmamente espalhando a sua influência em Jerusalém. Estevão, um dos sete diáconos, deu um testemunho público mais aguerrido de que Jesus era o Messias e isto conduziu a uma maior excitação entre os judeus e a uma maior disputa nas suas sinagogas. Estevão e os seguidores de Cristo foram perseguidos e Saulo teve, nessa altura, um papel proeminente.

Nesse momento, era provável que ele fosse membro do Grande Sinédrio e se tivesse tornado num líder ativo na furiosa perseguição, através da qual os governantes procuravam exterminar os Cristãos.

Encontro com Cristo

Mas o objetivo desta perseguição também falhou. “Os que fugiram, iam por todo o lado pregando o Evangelho.” A fúria do perseguidor foi desse modo, ainda mais estimulada. Ouvindo que alguns fugitivos se tinham refugiado em Damasco, ele obteve do sumo sacerdote cartas que o autorizariam a perseguir esses cristãos. Era uma viagem de 208 km e que duraria talvez seis dias. Durante esse tempo, ele e os seus ajudantes caminharam com um passo firme, “respirando ameaças e morte.” Mas a crise da sua vida estava ali à mão. Ele chegara ao último estágio da sua viagem e Damasco já aparecia no horizonte. Saulo e os seus companheiros continuaram, mas

foram rodeados por uma luz brilhante. Saulo caiu por terra, aterrorizado. Uma voz soou aos seus ouvidos: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” O Salvador ressuscitado ali estava, vestido com o traje da sua humanidade glorificada. Em resposta à ansiosa pergunta do perseguidor atingido, ‘Quem és tu, Senhor?’, Ele respondeu: “Eu sou Jesus a quem tu persegues” (At 9: 5; At 22: 8; At 26: 15).

Este foi o momento da sua conversão, o mais solene da sua carreira. Cego por causa da luz ofuscante (At 9: 8), os seus companheiros conduziram-no para a cidade onde, absorto em profundos pensamentos durante três dias, ele não bebeu nem comeu (At 9: 11). Ananias, o discípulo que vivia em Damasco, foi informado, através de uma visão, da mudança que ocorrera na vida de Saulo e foi enviado para lhe devolver a vista e baptizá-lo na igreja de Cristo (At 9: 11), talvez para o “Sinai da Arábia,” provavelmente com o propósito de estudar e meditar na maravilhosa revelação que lhe fora feita. “Um véu de profunda escuridão paira sobre a sua visita à Arábia.

Nada se sabe dos locais por onde andou, dos pensamentos e ocupações em que se envolveu enquanto lá esteve, nem das circunstâncias da crise que deve ter modelado todo o curso da sua vida posterior. Diz Paulo: “Imediatamente me dirigi à Arábia.” O historiador passa por cima deste incidente (comparar com At 9: 23 e 1Rs 11: 38, 39).

É uma pausa misteriosa, um momento de suspense na história do apóstolo, uma calma que precede a tumultuosa tempestade que foi a sua ativa vida missionária. Voltado, depois de três anos, a Damasco, ele começou a pregar o Evangelho “ousadamente no nome de Jesus” (At 9: 27), mas logo, foi obrigado a fugir (At 9: 25; 2Co 11: 33) dos judeus e a refugiar-se em Jerusalém. Ali ele se demorou durante três semanas, mas foi novamente forçado a fugir (At 9: 28, 29) da perseguição. Volta à sua Tarso natal (Gl 1: 21) onde, durante provavelmente cerca de três anos, o perdemos de vista. Ainda não chegara o tempo em que ele deveria iniciar o seu trabalho de pregação do Evangelho aos gentios.

Com o tempo, a cidade de Antioquia, a capital da Síria, tornou-se no cenário de uma grande actividade cristã. Aí, o Evangelho andou firmemente pelo seu próprio pé e a causa de Cristo prosperou. Barnabé, que fora enviado de Jerusalém para Antioquia, a fim de aí superintender toda a obra, viu que Tarso à sua procura. Saulo respondeu prontamente ao chamado que lhe foi dirigido e foi para Antioquia que, durante “um ano inteiro” se tornou no centro dos seus trabalhos, tendo sido coroado de êxito. Os discípulos foram aí chamados “cristãos” pela primeira vez (At 11: 26).

A igreja de Antioquia propôs-se, então, a enviar missionários aos gentios e Saulo e Barnabé, com João Marcos como auxiliar, foram os escolhidos. Esta foi uma época áurea na história da igreja. Os discípulos deram real cumprimento à ordem do Mestre: “Ide a todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura.”

Viagens

Os três missionários partiram para a sua primeira viagem missionária. Sairam de Seleucia, o porto de Antioquia e passaram por Chipre, que ficava a cerca de 128 Km a sudoeste.

Em Pafos, Sérgio Paulo, o procônsul romano, converteu-se, Saulo assumiu o comando e passou a ser conhecido por Paulo.

Os missionários dirigiram-se depois para o continente e percorreram 10 ou 11 Kms pelo Rio Cestro acima até Perge (At 13: 13), onde João Marcos abandonou a obra que faziam e voltou para Jerusalém. Os dois homens percorreram depois mais cerca de 160 Km, passando pela Panfília, pela Pisídia e por Licaónia.

As três cidades mencionadas fazem parte da Antioquia da Pisídia, onde Paulo pronunciou o seu primeiro sermão (At 13: 16-51; comparar com At 10: 30-43). Passaram também por Icónio, Listra e Derbe. Voltaram, depois, pelo mesmo caminho, a fim de visitarem e encorajarem os

conversos e ordenarem anciões em cada cidade, para que velassem pelas igrejas que se tinham formado. De Perge, foram directamente para Antioquia, de onde tinham partido. Depois de aí permanecerem “durante muito tempo”, provavelmente até 50 ou 51 d.C., surgiu uma grande controvérsia na igreja por causa da relação dos gentios com a lei mosaica. Com o propósito de resolverem esta questão, Paulo e Barnabé foram enviados como delegados, a fim de consultarem a Igreja em Jerusalém. O Concílio ou Sínodo que aí se reuniu (At 15), decidiu-se contra a ala judaizante; e os delegados, acompanhados por Judas e Silas, voltaram a Antioquia, levando consigo o decreto do Concílio.

Após uma pequena pausa em Antioquia, Paulo disse a Barnabé: “Vamos visitar novamente os nossos irmãos em todas as cidades onde pregámos o Evangelho do Senhor e vejamos como eles estão.” Marcos propôs-se a acompanhá-los; mas Paulo recusou-se a deixá-lo ir. Barnabé estava resolvido a levar Marcos e, assim, ele e Paulo tiveram uma grande discussão. Acabaram por se separar e nunca mais se encontraram. Paulo, contudo, mais tarde, fala de Barnabé com respeito e pede a Marcos que venha ter com ele a Roma (Cl 4: 10; 2 Tm 4: 11).

Paulo leva Silas consigo, em vez de Barnabé e inicia a segunda viagem missionária em 51 d.C. Desta vez foi por terra, revisitando as igrejas que já tinha fundado na Ásia. Mas ele ansiava por pregar em “regiões mais distantes” e ainda foi até

a Frígia e à Galácia (At 16:6). Contrariamente às suas intenções, ele foi obrigado a permanecer na Galácia por causa de uma “fraqueza da carne” (Gl 4: 13, 14). A Bitínia, uma populosa província nas margens do Mar Negro, estava agora no seu horizonte e Paulo desejou lá ir; mas foi-lhe vedado o caminho, pois o Espírito o guiou noutra direção. Dirigiu-se às margens do Egeu e chegou a Troas, na costa noroeste da Ásia Menor (At 16: 8).

História da primeira carta

Segundo os historiadores, Paulo teria visitado, de fato, esta cidade somente em 50 d.C. Isso se o evento registrado em Atos 17 tivesse ocorrido nesse mesmo ano.

Nessa cidade, Paulo e seus companheiros permaneceram por algum tempo, pela primeira vez depois de ter saído de Filípos, por ocasião de sua segunda viagem missionária. Foi também nesse período que a igreja teria sido fundada pelo apóstolo. Após deixar a cidade, muitos crentes achavam-se em muitas tribulações e tentações do diabo. Paulo envia-lhes então Timóteo, o qual traz um relatório animador da igreja, propiciando consolação ao apóstolo devido à fé que os irmãos daquela igreja depositavam no Senhor. Paulo, em função de tal relato consolador, planeja ir até eles pessoalmente.

A Bíblia, porém, não deixa claro se ele foi ou não a Tessalônica novamente. O que podemos afirmar, com certeza, é que a terceira viagem de Paulo foi em direção à Ásia.

Pontos importantes da primeira carta

Esta Carta de Paulo, assim como as demais que serão expostas ao longo do estudo, é de suma importância, pois nela encontraremos assuntos importantíssimos, tais como: a doutrina bíblica da santificação, pureza, modéstia, arrebatamento da igreja etc.

Se comparada à Carta aos Romanos ou à Carta aos Coríntios, a primeira Carta aos Tessalonicenses, alvo de estudo deste volume 2, é uma Carta pequena, contendo oitenta e nove versículos distribuídos em cinco capítulos. Além das Saudações características em seus escritos, percebemos claramente nesta Carta que o Apóstolo Paulo esteja fazendo como que uma Revisão e Redação em cooperação com os irmãos da igreja. Notamos também uma imensa gratidão do apóstolo pelo bom testemunho e proceder dos crentes em Tessalônica. Além disso, Paulo faz uma reconsideração sobre a aceitação que os irmãos desta igreja tinham para com o evangelho. Encontramos em 1 Tessalonicenses uma Carta Relação de Timóteo com a Igreja, na qual ele providencia um relatório animador sobre os crentes de Tessalônica. Tal Relatório contado por Timóteo ao apóstolo Paulo serviu de base e fundamento para que Paulo intercedesse junto ao Senhor a favor dos crentes daquela igreja.

Por fim, ressaltamos a importância das exortações finais do Apóstolo. Esperamos que essa Carta possa esclarecer acerca de diversos termos que estão contidos nela. Embarquemos então

nesta Viagem Exegética, em nome de Jesus. E que o Senhor nos auxilie a cumprir o nosso intento.

A cidade de Tessalônica

A palavra 'Tessalônica' aparece pela primeira vez na Bíblia em Atos 17.1, quando Paulo, durante a segunda viagem missionária, depois de passando por alguns lugares, "...chegaram a Tessalônica...". Ao todo, o nome aparece sete vezes, cinco dessas ocorrências somente em Atos dos Apóstolos. Do ponto de vista da geografia bíblica, a cidade de Tessalônica localizava-se em Golfo Termaico, mas atualmente é conhecida como Salônica, no território atual grego ligado ao conhecido Mar Egeu.

O termo primitivo grego era Therma a mudança para Tessalônica, segundo a tradição, se deu pelo romano Cassandro que reconstruiu a cidade meados 315 a.C. Os historiados contam, que após a morte de Alexandre, o Grande, seu reino foi dividido em quatro partes, e um dos generais a assumir o reinado chamava-se Cassandro. Segundo os historiadores, foi ele quem nomeou a região de Tessalônica, e isso se deu em honra à sua mulher que tinha o mesmo nome.

Esta cidade, nos tempos dos romanos, servia de capital do segundo distrito, um dos quatro que tinham na Macedônia. O importante dominador romano Pompeu já utilizou a cidade como quartel de suas campanhas. De acordo com

a Bíblia Sagrada, na cidade havia uma sinagoga, e foi nesse templo onde Paulo pregou e muitos judeus se converteram. Hoje, a cidade de Salônica é habitada por judeus, cristãos e mulçumanos.

Síntese histórica sobre Paulo na região
As citações nos mostram que enquanto esperava em Trôade pelas indicações de Deus quanto ao que deveria fazer a seguir, Paulo teve uma visão acerca de um homem natural da Macedônia. Esse apareceu perante ele, e disse-lhe: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16:9). As Escrituras Sagradas dizem que Paulo reconheceu na visão uma mensagem de Deus, e passou por Helesporto — passagem estreita que separa a Ásia da Europa, e levou as novas do Evangelho ao mundo ocidental. Na Macedônia, fundou igrejas em Filipos, Tessalônica e Bereia. Deixando essa província, Paulo seguiu para Acaia, “o paraíso das pessoas de renome e gênio”. Chegou a Atenas, mas partiu depois de uma breve estadia (At 17:17–31). Os atenienses o receberam com relativo desdém e ele não visitou mais a cidade. Seguiu para Corinto, a sede do governo romano na Acaia, e ali permaneceu durante um ano e meio, tendo-se dado muito bem em tal contexto.

Durante o tempo em que lá esteve, Paulo escreveu as suas duas Cartas à igreja de Tessalônica, ambas sendo suas primeiras obras de teor apostólico, e depois viajou para à Síria, a fim de conseguir chegar em tempo para a

realização da festa do Pentecostes, em Jerusalém. Paulo estava acompanhado de Áquila e Priscila, que ficaram em Éfeso, onde ele chegou após uma viagem de treze ou quinze dias. Aportou em Cesaréia e dirigiu-se a Jerusalém. Tendo “saudado a Igreja” que ali se encontrava, festejou a Pentecostes e partiu para Antioquia, onde permaneceu “por algum tempo” (At 18:20–23).

Paulo iniciou, então, a sua terceira viagem missionária. Viajou por terra, percorrendo as “regiões superiores” (as regiões mais extremas do Oriente) da Ásia Menor e chegando a Éfeso, onde ficou durante três anos, envolvido de corpo e alma na obra de Deus. Essa cidade era, naquele tempo, a Liverpool do Mediterrâneo. Nela havia um porto esplêndido, onde se concentrava todo o tráfego marítimo, sendo também uma importante referência marítima para o mundo. Assim como Liverpool tem à sua volta as grandes cidades do condado de Lancashire, Éfeso também havia ao seu redor as cidades que são mencionadas, com ela própria, no livro de Apocalipse: Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardo, Filadélfia e Laodicéia. Era uma cidade muito rica e concedida a toda a espécie de prazer, sendo famosa pelos seus teatros e hipódromos”. Ali se abre uma porta bem eficaz para o ministério de Paulo. Os seus auxiliares ajudaram-no em sua obra, levando o Evangelho até Colossos e Laodiceia, e a outras localidades em que conseguiram chegar.

A cidade de Tessalônica ganha citação histórica de peso através da arqueologia. Quem seria contra provas arqueológicas? Ninguém né!!! Nas escavações que fizeram nas região descobriram termo gregos ligados à época da cidade do primeiro século.

Esboço de Tessalonicenses

1 Tessalonicenses 1:1-10 Cristãos Exemplares

Ações de graças (1:1-5). Paulo e os outros davam graças a Deus porque os que haviam se convertido se tornaram irmãos verdadeiros, na mesma família amada de Deus, e eleitos juntos porquanto obedeceram ao mesmo evangelho (1:4-5).

Modelo para os crentes (1:6-10).

O apóstolo Paulo que os Tessalonicenses poderia ser seus imitadores e do Senhor Jesus. Apresenta um argumento já conhecido na atualidade, adorar a Deus no período sombrio de tribulação, me refiro as provações que passamos na vida cristã. Como passaremos nestes momentos difíceis sem murmurar? 'com gozo no Espírito Santo'. Ele cita as experiências gerais que tivera na Macedônia e em outros lugares, onde os cristãos fora edificados através do poder do evangelhos de Deus e do Senhor Jesus Cristo.

O apóstolos, também, destaca a conversão genuína de um servo de Deus e chegar a citar "vos converterdes a Deus..." (v.9). e, claro, fala do privilégio em aguardar o tão sonhado dia, da vinda de Cristo.

"A operosidade da [sua] fé" (1:3, 8):

"A abnegação do [seu] amor" (1:3, 9):

"A firmeza da [sua] esperança" (1:3, 10):

1 Tessalonicenses 2:1-16 **Evangelistas Exemplares**

Firmes em tribulação (2:1-6).

O capítulo dois, da epístola em estudo, tem o dobre de versículos, claro, diversos assuntos doutrinários abordados. Cita novamente sua experiência de sofrimento em suas viagens missionárias. (v.1).

Carinhosos com os irmãos (2:7-12).

O resultado (2:13-16).

1 Tessalonicenses 2:17 - 3:13

Preocupação com os Irmãos

Saudades deles (2:17-20).

Paulo envia Timóteo (3:1-5).

Consolados pelas boas notícias (3:6-13).

1 Tessalonicenses 4:1-12 **Deus Nos Chamou para Santificação**

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

Continuem progredindo (4:1-2).

Da santidade (4:3-8).

Do amor fraternal (4:9-12).

Perguntas para mais estudo:

É mais importante conhecer a vontade de Deus ou praticá-la? (4:1-2)

Qual o mandamento de Deus acerca de relações sexuais? Como isto se aplica também à mente cristã? (4:3-8)

Qual a relação entre nosso trabalho e o amor ao próximo? (4:9-12)

1 Tessalonicenses 4:13 - 5:11 Consolai-vos com Estas Palavras

Acerca dos que "dormem" (4:13-18).

"Vigiemos e sejamos sóbrios" (5:1-11).

Portanto, Paulo aconselha os irmãos a viverem sempre preparados como "filhos da luz e filhos do dia" (5:4-7; veja João 12:35-36).

1 Tessalonicenses 5:12-28 Diversas Exortações Finais

Valorizar os líderes (5:12-13).

Ajudar pessoas que têm dificuldades (5:14-15).

Ao lidarmos com essas necessidades especiais, devemos ser pacientes, e nunca devemos "corrigir" alguém por motivo de vingança, mas somente por causa da preocupação com as suas almas (5:14-15; veja Tiago 5:19-20).

A vida constante (5:16-18).

Acerca das profecias (5:19-22).

Desejos finais (5:23-28).

Considerações gerais de 2 Tessalonicenses

INTRODUÇÃO

A segunda Epístola que Paulo escreveu aos irmãos da cidade de Tessalônica é uma continuação de 1 Tessalonicenses, isto fica claro na própria Espítola.

AUTOR: Apóstolo Paulo.

DATA: Provavelmente foi escrita em Corinto, pouco tempo depois da primeira carta ter sido escrita.

MARCO HISTÓRICO

É evidente que na primeira carta de Paulo, certas expressões à esta igreja haviam sido mal-interpretadas.

Quando ele se referiu à incerteza do dia da vinda de Cristo, suas palavras haviam sido entendidas como se tivesse ensinado que o dia do Senhor estava perto. Esse mal-entendido resultou categoricamente numa desnecessária comoção.

Os irmãos convertidos estavam perturbados e alarmados, 2:2. Tinham pontos de vista errados acerca da proximidade da vinda do Senhor, o que transtornou suas vidas. Alguns acreditam, de acordo com os versículos 2 e 3 do capítulo 2, que uma carta falsa, recebida pela igreja, havia agravado o problema, mas isto não passa de conjecturas.

Não há dúvida de que a carta de Paulo foi escrita para ajudar a estabelecer esta confundida e preocupada igreja.

TEMA CENTRAL: A segunda vinda de Cristo.

TEXTO CHAVE: 3:5.

SINOPSE: A carta pode ser dividida em três partes.

O Local da redação da segunda carta aos Tessalonicenses foi a Ásia Menor ou a Macedônia, a partir dos anos 50 da era cristã.

O objetivo da segunda carta aos Tessalonicenses era apresentar o cenário apocalíptico de 2:1-12, além de responder às interrogações e às preocupações das comunidades que estranhavam que o Dia do Senhor não chegaria tão depressa, como se esperava quando foi escrita 1Ts, e também ajudar as comunidades a sobreviver e a se manterem firmes na fé.

Contexto histórico de 2 Tessalonicenses

Reflete uma situação posterior à primeira carta aos Tessalonicenses, principalmente no que se refere à expectativa da parussia.

Os primeiros cristãos, inclusive Paulo, acreditavam na vinda iminente de Cristo (1Cr 7.29; 1Ts 4.15-18). Anteriormente, já foi dito da preocupação para que as pessoas não deixassem de trabalhar, devido à expectativa da parussia.

O tema trabalho é uma das riquezas em ambas as cartas. Traz o sentido cristão do trabalho, o trabalho com as próprias mãos (1Ts 4.11; 2 Ts 3,6-12). A Carta dignifica o valor do trabalho manual e rompe com o sistema escravista romano.

Esboço geral de 2 Tessalonicenses

- 1.1-2: Saudações;
- 1.3-12: O justo juízo vem de Deus;
- vinda do Senhor e consequências para a vida cristã;
- 2.1-12: A vinda do senhor e o combate final;
- 2.13-17: A comunidade não deve temer: firmeza na fé;
- 3.1-5: Solidariedade através da oração;
- 3.6-15: Quem não quer trabalhar, que não coma.
- 3.16-18: saudações finais.

O Local da redação da segunda carta aos Tessalonicenses foi a Ásia Menor ou a Macedônia, a partir dos anos 50 da era cristã.

O objetivo da segunda carta aos Tessalonicenses era apresentar o cenário apocalíptico de 2:1-12, além de responder às interrogações e às preocupações das comunidades que estranhavam que o Dia do Senhor não chegaria tão depressa, como se esperava quando foi escrita 1Ts, e também ajudar as comunidades a sobreviver e a se manterem firmes na fé.

Detalhes gerais das cartas aos Tessalonicenses

1 Tessalonicenses – 5 capítulos

Capítulo 1: 10 versículos

Capítulo 2: 20 versículos

Capítulo 3: 13 versículos

Capítulo 4: 18 versículos

Capítulo 5: 28 versículos

2 Tessalonicenses – 3 capítulos

Capítulo 1: 12 versículos

Capítulo 2: 17 versículos

Capítulo 3: 18 versículos

Existem nas duas cartas quase 30 variantes gerais. A primeira delas está em 1 Tessalonicenses 1.1, onde, depois da palavra grega 'eirêne' (paz), alguns manuscritos acrescentam uma outra frase. Na primeira carta, a última variante 'importante' está em 5.28 com o acréscimo da palavra 'amém'. Na segunda carta a variante está em 1.2 depois do substantivo 'patrós' (Pai). E finaliza em 3.18, com outra variante. Porém, estas variantes não interferem na teologia cristã e doutrina.

**Distribuição do tema da da 'vinda'
em Tessalonicenses:**

A vinda de Cristo anunciada (1 Ts 2.19);

A vinda de Cristo com todos os santos (1 Ts 1.13);
A vinda de Cristo, a ressurreição e o arrebatamento
(1 Ts 4.13-18);

A vinda de Cristo é repentina (1 Ts 5.1-10);

A vinda de Cristo exige completa santidade (1 Ts
5.23);

A vinda de Cristo e o julgamento dos ímpios (2
Ts 1.7-10);

A vinda de Cristo e a reunião de todos os salvos
(2 Ts 2.1);

A vinda de Cristo e o Anticristo (2 Ts 2.3-12).
(Fonte: [http://teologiaegraca.blogspot.com.
br/2009/07/aos-tessalonicenses-ii.html](http://teologiaegraca.blogspot.com.br/2009/07/aos-tessalonicenses-ii.html))

BIBLIOGRAFIA USADA NA PRESENTE OBRA

1. Fontes Principais

A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 2001.

A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1998

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Alfalit do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Alfalit Brasil, 2000.

A BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora vida Nova, 2000.

2. Fontes Seleccionadas: Bíblias de Estudo

BÍBLIA ANOTADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil SBB, 1994.

BÍBLIA DE ESTUDO DE APLICAÇÃO PESSOAL. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil SBB, 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil SBB, 1995.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. São Paulo: Editora Vida, 1996.

BÍBLIA VIDA NOVA. São Paulo: Editora Vida Nova, 1989.

3. Fontes Seleccionadas: Dicionários

DAVIS, John. Dicionário da Bíblia. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1993.

BOYER, O.S. Pequena Enciclopédia Bíblica. São Paulo: Editora Vida, 1994.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1996.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Dicionário de Escatologia. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1998.

FERREIRA, Aurélio B. H. Dicionário da Língua Portuguesa. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

DOUGLAS, J.D. (org.) O Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo: Editora VidaNova, 2001.

BROWN, C. O Novo Dicionário de Teologia. Volumes 3 e 4. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

ROCHA, Ruth. Minidicionário. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

SARGENTIM, Hermínio. Dicionário de Ideias Afins. São Paulo: Editora IBEP (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), sem ano.

A. ELWELL, Walter. Enciclopédia histórico-Teológica da Igreja Cristã. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

CIVITA, Victor (editor). Dicionário Biográfico. Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora Abril, 1972.

VIANA, Moacir da Cunha (editor). Dicionário didático da língua Portuguesa. Editora Didática Paulista.

4. Fontes Seleccionadas: Outras línguas

ALLAND, kurt. The Greek New Testament. United Bible, 1984.

Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ. O Novo Testamento Grego. Texto Recebido. The Trinitarian Bible Society, 1902

BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.) Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000.

DOBSON, John H. Aprenda o Grego no Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

DAVIS, Guilermo. Gramatica Elemental del Griego del Nuevo Testamento. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1979.

FRIBERG, Barbara & FRIBERG, Timothy. O Novo Testamento Grego Analítico. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederick W. Léxico do Novo Testamento Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 1984.

PETTER, Hugo. La Nueva Concordancia Griego-Español del Nuevo Testamento. Viladecavalls: Editorial CLIE, 1982.

BERGMANN, Johannes & REGA, Lourenço S. Noções do Grego Bíblico. São Paulo: Editora Vida Nova, 2004.

TAYLOR, Willian C. Dicionário do Novo Testamento Grego/Português. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.

RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego. São Paulo: Editora Vida nova, 1998.

LUZ, Waldir Carvalho. Novo Testamento Interlinear. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

LUZ, Waldir Carvalho. Manual de Língua Grega. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.

DINKINS, Frederico. Gálatas e Efésios. Minas gerais. 1985.

BALGUR, R. IUSIM, H. Dicionário Básico – Hebraico Português. 1982.

ZIMER, Rudi. Dicionário Hebraico – Português e Aramaico – Português. Rio de Janeiro: Editora Sinodal e Editora Vozes, 2004.

MAGNE, Augusto. Dicionário Etimológico da Língua Latina. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

FARIA, Ernesto (org.). Dicionário Escolar Latim – Português. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

ALLAND, Kurt. The Greek New Testament. United Bible; 1984.

DANIELLOU, Maria da Eucaristia. Curso de Grego I Gramática. Rio de Janeiro: Biblioteca Científica Brasileira Coleção do Estudante III, 1957.

DAVIS, Guillermo. Gramatica Elemental del Grego del Nuevo Testamento. (PASO, Bautista). 1979.

DEMOSS, Matthew S. Dicionário Gramatical do Grego do Novo Testamento. São Paulo: Editora Vida, 2004

DOBSON. John H. Aprenda o Grego do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

FREIRE, Antonio. Gramática Grega. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIBERE, Barbara. O Novo Testamento Grego Analítico. São Paulo: Vida Nova, 1987.

GINGRICH, F. Wilbur. Léxico do Novo Testamento, Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 1984.

NOVO Testamento Interlinear Grego/Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

NOVO Testamento Grego com Introdução em Português e Dicionário Grego-Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

PETTER, Hugo. La Nueva Concordancia Grego-Espanhola del Nuevo Testamento (paso hispano), 1982.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. Noções do Grego Bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIENECKER, Fritz. CLEON, Roger. Chave Linguística do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova, 1998.

TAYLOR, Willian. Dicionário do Novo Testamento Grego/Português. Rio de Janeiro, Batista, 1978.

WALLACE, Daniel. Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

5. Fontes Escatológicas e jurídicas

SHEDD, Russel (Editor). O Novo Comentário da Bíblia. São Paulo: Editora Vida nova, 2001.

DAVIS, Jonh. Dicionário Bíblico. Rio de Janeiro: Ed. JUERP, 1985.

Sintaxe de Tessalonicenses - Introdução Geral - Volume 1

CHAFER, L, S. Teologia Sistemática, 1a ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986.

BROWN, C. O Novo Dicionário de Teologia. volumes 3 e 4. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

HALLEY, Henry H. Manual Bíblico de Halley. 5a Edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 1983.

A. E. BLOOMFLIED. Apocalipse – O Futuro Glorioso do Planeta Terra

LAMEGO, José. Hermenêutica e Jurisprudência. Análise de uma “recepção”, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1990.

MAGALHÃES, Maria da Conceição Ferreira. A hermenêutica jurídica. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

MAXIMILIANO, Carlos. Hermenêutica e aplicação do Direito. São Paulo: Revista Forense, 1999 (1924).

PERELMAN, Chaïm. Lógica Jurídica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STRECK, Lenio Luiz. Hermenêutica jurídica e(m) crise. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999.

WARAT, Luis Alberto. O direito e sua linguagem, 2a versão. 2a ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1995